KHÔRA

MAÍRA ORTINS

2021

Mediterrâneo, a rota dos Balcãs Ocidentais

Em fevereiro de 2015, na cidade de Barcelona, no bairro Raval, realizei a primeira série de fotografias do projeto Khôra. A proposta ainda embrionária era fotografar imigrantes de diversas nacionalidades em seu ambiente de trabalho. Acontece que no mesmo ano, no início de setembro a crise migratória se intensifica na Europa e especificamente na Hungria, com as chegadas irregulares através da rota do Mediterrâneo Oriental e da Grécia pela Macedônia e Sérvia para a Hungria, esta última conhecida como a rota dos Balcãs Ocidentais. Fugindo da guerra, da fome, do terror e da intolerância religiosa, milhares de pessoas, em sua maioria sírios, tentavam atravessar o Mediterrâneo em pequenos botes até a costa grega.

A precária viagem tinha a esperança como guia e a morte como companheira. Milhares sequer chegavam a tocar o solo europeu. A história segue se repetindo ano após ano. Os refugiados não possuem pátria nem cidadania. Simbolicamente aqueles que se arriscam nessa travessia e embarcam nos precários botes, entram em estado de Khôra, tornam-se eles, desta forma, “um espaço” (entre fronteiras), ou “um intervalo”(lugar onde não pode permanecer). No caso aqui, o mar, transfigura-se como o lugar de passagem, já que neste caso, não nos é dado um espaço de permanência.

A barbearia. Bairro Raval.

Khôra, da série: Judith, somos todos iguais perante a lei.

Barcelona, Espanha, 2015.

A barbearia. Bairro Granja Lisboa.

Khôra, da série: Judith, somos todos iguais perante a lei.

Fortaleza, Brasil, 2020.

Foi portanto este fato que me levou a fazer uma viagem à Hungria em novembro de 2015. O objetivo era fotografar os refugiados na estação internacional Keleti em Budapeste. Porém, devido às medidas protetivas do governo húngaro, a estação fora fechada e todas as viagens internacionais bloqueadas. O objetivo era impedir que os refugiados seguissem viagem para Suíça, Alemanha e Áustria. A cena seguinte desta história foi assistir a homens, mulheres e crianças realizando a travessia, agora por terra, a pé, tentando chegar finalmente ao seu destino. Alguns conseguiram entrar, outros ficaram pelo meio do caminho, sem trabalho, moradia ou qualquer assistência. Em função de ajudar a estas pessoas, diversas organizações humanitárias entraram em ação. Foi o que aconteceu em Sérvia Belgrado, onde foi improvisado um pequeno acampamento de apoio aos viajantes. Ali fiz minhas primeiras fotografias sobre a dor. Mas por opção ética, decidi criar um ambiente diferente e mostrar o humano em si. Busquei fotografar um tempo suspenso, cuja paisagem não existe, posto que a escuridão foi o cenário que busquei para que os *homens-vaga-lumes* iluminassem a escuridão.

Refugiados sírios.
Sérvia Belgrado, 2015.

Khôra, da série: Judith, somos todos iguais perante a lei.

Entre o estrangeiro e o lugar que ele habita

O termo Khôra é dito como sendo o território da pólis, ou seja, fora da cidade. Este termo foi utilizado primeiramente na filosofia por Platão para designar um espaço ou intervalo em seu diálogo com Timeu. Platão define Khôra entre o sensível e o inteligível, onde tudo passa, porém nada é retido. Jacques Derridá escreveu um pequeno texto cujo título era Khôra, e utilizava a palavra no sentido de alteridade "lugar para ser" Martin Heidegger designa como uma "luminosidade" em que o ser ocorre ou tem lugar.

No decorrer da pesquisa ampliei o foco sobre o olhar para o "estrangeiro" para pensar a relação do lugar com o migrante. "Lugar versus migrante" e "lugar para o ausente", trabalhando no que há de memória do fato ocorrido naquele espaço antes destinado provisoriamente aos povos que migram. Daí realizei uma série de fotografias em um antigo " campo de concentração" para refugiados da seca de 1932, em Senador Pompeu. As fotografias foram feitas nos antigos casarões construídos para dar suporte às obras de edificação da barragem do rio Patu, em 1919, pertencentes ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas DNOCS e que serviram de lugar improvisado para receber os flagelados. Senador Pompeu é a única cidade que ainda guarda as ruínas dos acampamentos. As fotografias portanto, evidenciam o vazio e o abandono e a estranha sensação de tempo suspenso. Assim como um refugiado, os flagelados da seca de 1932, eram "estrangeiros", ilegais, clandestinos e apátridas, que sem território eram confinados em currais para morrer de fome e maus tratos.

Dois anos mais tarde, levada por desdobramentos da pesquisa, resolvi fazer uma série de fotografias na periferia de Fortaleza, agora deslocando o foco da migração para o contexto social, me perguntando sobre o que identifica ou o que caracteriza um migrante. Levada por tais reflexões cheguei a identificar certos aspectos em comum entre um migrante pobre ou ilegal e um morador da periferia pobre de Fortaleza. Entre muitos aspectos de similaridade destaco: exclusão social, precárias condições de moradia, ausência de direitos básicos à saúde, educação e meios de subsistência, para além do preconceito atrelado à sua comunidade e, por consequência, de altos índices de violência e vulnerabilidade social. O primeiro bairro a ser visitado foi o Pirambu. Acontece que aqui há um cruzamento da pesquisa, posto que este bairro, localizado no litoral oeste de Fortaleza, também teve montado em seu território, um campo de concentração para os flagelados da seca de 1932. O barracão do Pirambu foi demolido no mesmo ano de sua construção.

"Todos os "campos de concentração" e os abarracamentos, quando terminavam, eram incendiados, para não deixar pista, não havia atestado de óbitos, não tinha nada." 1

1. Valdecy Alves, advogado e ativista dos direitos humanos. Fonte: https://www.dw.com/pt-br/a-trágica-história-dos-campos-de-concentração-do-ceará/a-4964666. Visto em julho de 2021.

À esquerda de cima para baixo: Série: Judith, somos todos iguais perante a lei, ruínas do campo de concentração de Senador Pompeu, 2018. Registro do barracão construído na região do Pirambu para recepção dos flagelados da seca de 1932. Arquivo pessoal de Valdecy Alves.

Lado direito: Fotografia realizada no bairro Pirambu, Fortaleza, Brasil. 2020.

Ruínas do campo de concentração em Senador Pompeu, Ceará, Brasil, 2020.

Khôra, da série: Judith, somos todos iguais perante a lei.

A casa é nosso território

Pirambu, com Fábio Lessa. Fortaleza, Brasil. 2020.

A casa é onde nos abrigamos e isto, necessariamente, não implica conforto e condições mínimas do habitar. Criam-se labirintos e emaranhados de casas e becos e ruas. Para a subsistência surgem pequenos comércios e toda a sorte de gambiarra de conexão de água e luz. Excluídos do poder de consumo e cercados por um sistema que os confina naquele território e em seus arredores (não há suficiente transporte de conexão com o resto da cidade) são privados de consumir atividades culturais e de lazer que a cidade oferece. Até o mar, muitas vezes escapa. O litoral é destinado às elites. Assim se constrói o que denomino de *estrangeiro nacional*. O *estrangeiro nacional* também ocupa o estado Khôra. Vivem no intervalo, habitam fora, num lugar para ser.

Khôra, da série: Judith, somos todos iguais perante a lei.

O Grande Bom Jardim

De acordo com o ranking dos bairros segundo o índice de vulnerabilidade, os cincos bairros que compõem o Grande Bom Jardim (GBJ) encontram-se entre os 12 mais vulneráveis de Fortaleza (Bom Jardim – 4º; Siqueira – 6º; Canidezinho - 10º; Granja Lisboa - 11º e Granja Portugal - 12º). Em termos populacionais, esse território (GBJ) engloba 8,33% da população de Fortaleza e 38% da população da área administrativa V (SER V). Esta área é a maior da cidade e concentra os piores indicadores sociais e econômicos. Observando o perfil da população, o território do GBJ possui um grande contingente populacional de pessoas na faixa etária de 0 a 29, em torno de 120.957 habitantes. A expressão proporcional desse número é a representação de que 60% da população total do Grande Bom Jardim é jovem (0 a 29 anos), sendo que, do total dessa população, 58% tem entre 0 e 17 anos, faixa de cobertura das garantias do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Ao mesmo tempo em que os jovens representam boa parte dessa população, são também eles as maiores vítimas da violência que caracteriza o GBJ. O Bairro Bom Jardim figurou entre 2007 e 2009 no topo dos bairros em que mais acontecem assassinatos. Além dos altos índices de homicídios, preocupa, sobremaneira, a centralidade desses casos na juventude: 186 jovens, de 15 a 29 anos, foram assassinados, em sua imensa maioria do sexo masculino, o que corresponde a 60% dos 312 casos de assassinatos registrados entre 2007 e 2009. Segundo dados sobre o perfil demográfico e domiciliar (IBGE, 2010) o GBJ representa 8% do total dos domicílios da cidade de Fortaleza que são ao todo 710.066.

O perfil disponibilizado também pelo IBGE 2010 revela que o GBJ se caracteriza por ser um local com baixa renda média, devido a possuir em sua maioria setores censitários (censo 2010) com renda mensal inferior a R$ 500,00. Infere-se daqui, no acesso à renda, o perfil de pobreza dos domicílios, consequentemente de sua popula-ção, que concentra 43.732 domicílios. Ou seja, 70% do total dos seus domicílios com até 1 salário mínimo per capita.

Fonte: http://ccbj.redelivre.org.br/grande-bom-jardim-territorio-e-contexto-social/

Grande Bom Jardim, com Jorge Costa
e Victor Becker, integrantes do Coletivo
Gueto Gueen.

Fortaleza, Brasil. 2020.

Grande Bom Jardim, com Steffany Pereira da Silva integrante do Coletivo Gueto Gueen.

Fortaleza, Brasil. 2020.

Mamma Roma

É correto afirmar que o projeto teve uma dinâmica própria, tendo percorrido um longo caminho desde 2015 até os dias atuais, e foi justamente essa dinâmica que me permitiu chegar às fotografias na periferia de Fortaleza.

Importante nortear as influências que me levaram a tais conclusões. Foi nos artigos de Pier Pasolini, publicados originalmente no jornal Corriere della Sera, que tive maior clareza do fenômeno político, social e cultural dos movimentos da extrema direita atual. Os artigos ali publicados eram na verdade um relato minucioso sobre o crescente novo fascismo na Itália e no mundo e uma profunda compreensão do todo e de como se dava, sendo famoso seu artigo "O vazio do poder na Itália", popularmente conhecido como o texto dos vaga-lumes. Foi por meio destas leituras que coloquei as fotografias dos refugiados com um fundo completamente escuro,(ver página 01) fazendo uma clara referência ao texto pasoliniano e aos vaga-lumes. Também foi por esta razão que fotografei um grupo de estudantes angolanos no Ceará, em completa escuridão, sendo estes iluminados apenas por lanternas, (ver página 11).

Daí para chegar no termo estrangeiro nacional foi um processo natural de toda a vivência com o projeto. Mais uma vez Pasolini me influencia para chegar a esta reflexão, desta vez a partir de sua produção cinematográfica. É o clássico Mamma Roma que me faz repensar este lugar do excluído como sendo quase um estrangeiro em seu próprio território. Tal como no filme em que a comunidade de operários se amontoa nos arredores de Roma, as comunidades por mim fotografadas também se amontoam isoladas do resto da cidade. No filme de Pasolini, Roma é vista de longe, por uma janela, está tão longe e inatingível que até parece ser outro país. Atualizando para o presente, o entrevistado Fábio Lessa, do Pirambu, inicia seu depoimento dizendo que "ir à cidade" era uma oportunidade de conhecimento, onde a vida acontecia. A cidade aqui é Fortaleza. Justo a mesma cidade que ele sempre viveu, mas que vista de longe, parecia ser até outro país.

Grande Bom Jardim, Fortaleza, Brasil.
2020.

Grande Bom Jardim, com com Steffany Pereira, Victor Becker e Alê Silva, integrantes do Coletivo Gueto Gueen. Fortaleza, Brasil. 2020.

Granja Lisboa com Lenice Ferreira, poeta. Fortaleza, Brasil. 2020.

Estudantes angolanos, Redenção, Ceará.

Khôra, da série: Judith, somos todos iguais perante a lei. 2018.

KHÔRA
Maíra Ortins

PROJETO APOIADO PELO VIII EDITAL DAS ARTES DE FORTALEZA-SECULTFOR - LEI no 10.432/2015.

Prefeitura de Fortaleza
Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza

Projeto editorial/Fotolivro
Maíra Ortins
Produção
Cristiane Pires
Agradecimentos
Coletivo Gueto Queen, Lenice Ferreira, Fábio Lessa e Jefferson Renato pela partilha e disponibilidade.

Apoio
Secretaria de Cultura de Fortaleza, Secultfor [VIII Edital das Artes]

ISBN: 978-65-5556-274-3